

BUONASORTE, Nicla

***Tra Roma e Lefebvre: il tradizionalismo cattolico italiano e il Concilio Vaticano II*, Roma: Studium, 2003, 184p., ISBN-10: 8838239347/ISBN-13: 9788838239342**

por Rodrigo Coppe Caldeira^{*}

O cisma do bispo francês Marcel Lefebvre já completa 17 anos. Desde sua excomunhão em 1988 por ter sagrado bispos sem permissão da Santa Sé (suspensão *a divinis* em 1976), algumas tentativas de aproximação vêm sendo feitas. Um próprio conselho foi criado por João Paulo II para se estudar a questão: a Comissão Pontifícia *Ecclesia Dei*. Com a elevação de Joseph Ratzinger ao papado e a sua maior disposição ao diálogo com os 'lefebvristas', a contenda *tradicionalista* toma novos rumos.

Para se compreender preliminarmente o movimento chamado, em sua acepção geral, *tradicionalista*, não seria lícito deixar de abordar o seu desenvolvimento na Itália, visto o peso “romano” nas diretrizes da Igreja católica e na própria preparação do Concílio Vaticano II (1962 - 1965). Assim sendo, a obra da historiadora Nicla Buonasorte *Tra Roma e Lefebvre: il tradizionalismo cattolico italiano e il Concilio Vaticano II*, fruto de sua pesquisa de doutorado em História Social e Religiosa na Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão, traz em seus três capítulos uma clarificadora abordagem histórica do papel desempenhado pelos prelados *tradicionalistas* italianos no desenrolar do Vaticano II, sem deixar de expandir seu círculo de análise para outros atores conciliares.

Além do título da obra, a foto que o acompanha e que traz João XXIII e Marcel Lefebvre lado a lado, já nos deixa entrever a tese de fundo de Buonasorte: os bispos italianos que participaram junto de Lefebvre na luta conciliar contra as “novas e modernizantes tendências”, no pós-concílio se vêem entre o dilema da radicalização lefebvrina contra as determinações do Concílio e a sua aceitação completa e obediente.

Os debates das quatro sessões do evento conciliar foram caracterizados pelo confronto entre aqueles que desejavam uma Igreja dialogante com a modernidade (maioria), assumindo assim alguns de seus pressupostos, e aqueles que viam no mundo moderno apenas a perdição e a urgência da Igreja se colocar contra os seus erros (minoridade). Buonasorte, assim sendo, faz em sua obra a análise do aguerrido grupo minoritário do Vaticano II, o *Coetus Internationalis Patrum*, concentrando sua atenção especialmente na atuação dos prelados italianos no grupo. Alguns poderiam perguntar qual interesse um tema como esse poderia despertar entre os estudiosos brasileiros da Igreja romana. A diligência vem do fato de que, tratando da minoria conservadora

^{*} Rodrigo Coppe Caldeira é doutorando em Ciências das Religiões na UFJF, historiador de formação (PUC-Minas) e professor da PUC-Minas e do Instituto Santo Tomás de Aquino de História do Cristianismo

italiana no concílio, Buonasorte nos oferece uma mapografia das sensibilidades e características de um grupo que também congregou dois bispos brasileiros que, além de desempenharem papel de destaque na política eclesial brasileira, participaram vivamente dos trabalhos do concílio, juntamente com os tradicionalistas italianos e o arcebispo de Dakar, monsenhor Marcel Lefebvre: D. Antônio de Castro Mayer (bispo de Campos-RJ) e D. Geraldo de Proença Sigaud (arcebispo de Diamantina-MG).

Para introduzir o assunto, Buonasorte nos leva, resumidamente, até ao pensamento de autores dos séculos XVIII e XIX como Edmund Burke com suas *Reflexions on the Revolution in France*, Joseph de Maistre e seu *Du Pape*, além de Louise-Ambroise de Bonald e José Donoso Cortés. A historiadora faz o caminho de volta a esses pensadores porque é nas suas reflexões que está a gênese do pensamento tradicionalista e conservador e que irá marcar a atuação dos padres do *Coetus*. Buonasorte também aborda no primeiro capítulo o estado da questão, oferecendo pistas bibliográficas importantes para o estudo de tema ainda tão pouco explorado, como obras de D. Menozzi, G. Tassani, D. Castellano, Y. Congar, É. Poulat, L. Perrin, I. Baumer e K. Kienzler.

Na segunda parte de sua pesquisa, a historiadora se concentra na apreensão do "húmus" e da movimentação dos padres tradicionalistas na aula conciliar, trazendo à lume, a partir de diários pessoais e das *Acta Synodalia*, a biografia e a atuação de cada um deles. Giuseppe Siri, arcebispo de Gênova, Ernesto Ruffini, arcebispo de Palermo, Luigi Carli, bispo de Segni, os cardeais Dino Staffa, Pietro Parente, Enrico Dante, e o temido prefeito da Sagrada Congregação do Santo Ofício, cardeal Alfredo Ottaviani, são os personagens que, com forte atuação no concílio na perspectiva de barrar qualquer novidade que pudesse colocar em xeque a identidade católica, Buonasorte analisa em seu livro.

Alguns desses nomes, além de Ottaviani, estavam ligados diretamente aos dicastérios curiais, imprimindo sua força, devido à nomeação do próprio João XXIII, nos esquemas preparatórios do concílio. No desenrolar do evento, a cúria foi o local no qual os padres 'antimodernos' se entrincheiraram pela defesa da tradição. Dessa forma, a cúria se transformava no grande "baluarte" da defesa da *Tradição* frente àqueles que auspiciavam novas formas de "ser Igreja".

Através do estudo das respostas dos padres italianos à "consulta Tardini" e das intervenções desses padres nos debates, Buonasorte pôde verificar os seus temas mais caros: a liturgia e a piedade codificada pela tradição (com o acento especial na defesa do latim como língua da Igreja), a transmissão imutável da Revelação, a inerrância da Escritura, a estrutura hierarquia da Igreja, o dever do Estado de assumir como sua a doutrina social da Igreja, o primado do catolicismo sobre as outras religiões e a moral cristã. Tendo claro as premissas

“irrecorríveis” dos padres do *Coetus*, a autora passa a analisar então a sua atuação nos debates das diversas congregações gerais.

Segundo a autora, o grupo se concentrava especialmente nos aspectos jurídicos e processuais do desenvolvimento dos debates. Assim, buscavam influenciar as decisões com desenvolvimento de petições e recolhimento de assinaturas para a inserção nos debates de temas sensíveis a suas preocupações. Pode-se citar entre elas duas listas que circularam entre os padres, e que teve como organizador principal D. Geraldo de Proença Sigaud, as que pediam a condenação pelo concílio do comunismo e a referente a consagração do mundo à Nossa Senhora. Além dessa frente de batalha, que girava em torno de conversas, discussões fora do ambiente dos trabalhos oficiais e busca de influência em círculos maiores, o principal objetivo era a contenção das novas tendências.

No terceiro capítulo Buonasorte se concentra no período pós-conciliar, tratando do contexto histórico das décadas posteriores ao evento, a refutação do Concílio por Mons. Lefebvre e seus seguidores, as divisões no interior do movimento tradicionalista e as posições da Santa Sé referente ao fenômeno. O pós-concílio foi marcado pela difícil tarefa de interpretar as soluções conciliares e aplicá-las na vida da Igreja local. Segundo Buonasorte, três percursos de contestação do Concílio podem ser delineados. O primeiro é aquele de “aceitação obediente”, da recepção mínima e desentusiasmada; o segundo, mais radical, foi aquele que passou de progressivo afastamento das decisões do concílio até a sua negação total e o cisma; o terceiro, compreendia diversas correntes ultraconservadoras, que mantinham a sua ligação formal com a Igreja de Roma, mas pretendendo representar a “genuína tradição”.

Trabalho importante, já que ainda são raros os estudos sobre o chamado “tradicionalismo católico”, Buonasorte consegue abordar de forma clara um tema tão complexo e marcado por paixões e inúmeras incompreensões.